



PAISAGEM
ANCESTRAL
RECINTOS
CERIMONIAIS
TERRAS DO GUADIANA

PERDIGÕES ▾



18

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

MAR 2025

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ISSN: 2183-0924

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

18

MARÇO

2025

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2025**

Volume: **18**

Capa: Circuito de recintos de fossos Paisagens Ancestrais

Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

geral@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07
-----------------	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro MONTE DA LAJE E SÃO BRÁS 3. INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE RECINTOS DE FOSSOS EM SERPA (BEJA)	09
--	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro CRONOLOGIA, ESPACIALIDADE E COMPLEXIDADE ARQUITECTÓNICA DOS RECINTOS DE FOSSOS NEOLÍTICOS ALENTEJANOS: UMA REVISÃO A PRETEXTO DO RECINTO DE TRIGO	23
---	----

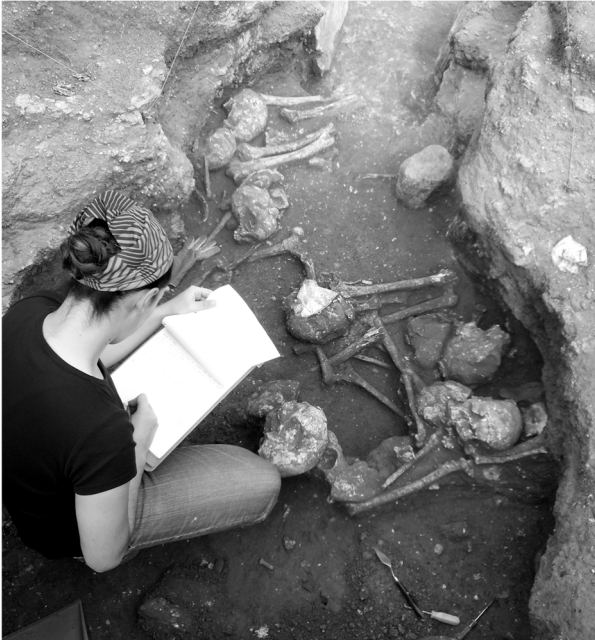
Camila Lacueva, Cláudia Maio, Sofia Nogueira, Lucy Evangelista, Tiago Nunes NOTÍCIA DA DESCOBERTA DA NECRÓPOLE DA VILLA ROMANA DE NOSSA SENHORA DE TOUREGA ...	43
---	----

Ana Rita, Carlos Jorge, Paula Pereira, José Carvalho, Cláudia Maio, Lucy Evangelista ENTRE USOS E ABANDONOS: REVISÃO DOS CONTEXTOS DA RUA DE SANTA MARIA E TRAVESSA DOS APÓSTOLOS, SETÚBAL	53
--	----

Sérgio Amorim, José Carvalho, Carlos Jorge A DISPOSIÇÃO DA MURALHA FERNANDINA ENTRE O LARGO DOS LÓIOS E A RUA DA MADEIRA. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA ENTRE 2021 E 2023	61
---	----

Francisco Raimundo, José Carvalho, Rui Pinheiro THE REBELLO HOTEL (VILA NOVA DE GAIA) – CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA PARA A HISTÓRIA DE UM SÍTIO	69
--	----

José Carvalho O HORREUM DO CASTELO DE GAIA. NOVOS APONTAMENTOS SOBRE O ABASTECIMENTO MILITAR ROMANO NO CÂMBIO DA ERA	81
---	----



EDITORIAL

A Antropologia Biológica desempenha um papel fundamental na compreensão das populações do passado, permitindo-nos reconstruir aspetos essenciais da sua vida, saúde, mobilidade e interações sociais. No contexto da arqueologia, a análise dos vestígios humanos revela dinâmicas bioculturais que enriquecem a narrativa histórica e contribuem para uma visão mais completa das sociedades antigas. A interseção entre os métodos tradicionais e as novas abordagens científicas – da paleopatologia à genética antiga – tem ampliado significativamente o nosso conhecimento, tornando esta disciplina indispensável para o estudo do património arqueológico.

Na ERA Arqueologia, a Antropologia Biológica assume um papel central na investigação e valorização dos contextos funerários, destacando-se na análise dos testemunhos ósseos que emergem das intervenções arqueológicas. O compromisso com metodologias rigorosas e interdisciplinares permite-nos abordar questões sobre identidade, práticas rituais e impacto ambiental nas comunidades do passado. A colaboração com outras áreas, como a arqueotanatologia e a bioarqueologia molecular, reforça a capacidade de responder a questões cada vez mais complexas e de aproximar a ciência dos contextos patrimoniais.

Neste âmbito, a Antropologia Biológica continua a ser uma ferramenta essencial para interpretar os vestígios humanos e integrá-los nas narrativas arqueológicas mais amplas. A integração de novas tecnologias, a importância da salvaguarda do património osteológico e a necessidade de um olhar ético e contextualizado sobre os vestígios humanos são algumas das questões centrais que merecem ser debatidas.

Assim, a constante evolução desta disciplina exige um diálogo contínuo entre investigadores, promovendo abordagens cada vez mais integradas e multidisciplinares. Ao articular conhecimento científico com a valorização patrimonial, a Antropologia Biológica não só enriquece a compreensão das populações do passado, como também contribui para uma reflexão mais ampla sobre a nossa própria história e identidade.

Lucy Shaw Evangelista

THE REBELLO HOTEL (VILA NOVA DE GAIA) – CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA PARA A HISTÓRIA DE UM SÍTIO.

Francisco Raimundo¹
José Carvalho²
Rui Pinheiro³

Resumo:

No âmbito da empreitada de construção e reconversão dos antigos armazéns da unidade fabril “Mardouro” numa unidade hoteleira “The REBELLO – Luxury Hotel And Apartments” (Vila Nova de Gaia), cuja implantação englobava um conjunto de seis edifícios, apresenta-se uma breve caracterização da ocupação do espaço ao longo dos anos. Esta caracterização é elaborada, essencialmente, com base nos trabalhos arqueológicos desenvolvidos, sondagens de diagnóstico, acompanhamento arqueológico e escavação decorrente da identificação de novas realidades, suplementada por algumas fontes documentais, o que nos permitiu perceber algumas das fases construtivas do edifício existente, sobretudo, durante a segunda metade do século XIX, bem como, a existência de ocupações de épocas anteriores cujas mais antigas remetem para o período da antiguidade tardia (séculos IV/VI d.C.).

Abstract:

The Rebello Hotel (Vila Nova de Gaia) – contribution of Archaeology for the history of a site.

This article aims to present the results of the archaeological intervention developed during the construction and conversion of the old warehouses of the “Mardouro” factory unit into a hotel unit “The REBELLO – Luxury Hotel And Apartments” (Vila Nova de Gaia). This description is essentially based on the archaeological work carried out, diagnostic surveys, archaeological monitoring and excavations resulting from the identification of new realities, supplemented by some documentary sources, which allowed us to understand some of the construction phases of the existing building, especially during the second half of the 19th century, as well as the existence of occupations from earlier periods, the oldest of which date back to the period of late antiquity (4th/6th AD).

1. Introdução

O conjunto arquitetónico alvo de intervenção, comumente conhecido por armazéns “MarDouro”, encontra-se numa área condicionada do ponto de vista arqueológico e patrimonial da cidade de Vila Nova de Gaia, nomeadamente na servidão administrativa do Castelo de Gaia (I.I.P. – Diário da República nº163, 1ª de 17 de julho, Dec. Nº 29/90) que, por sua vez, se integra na área IIC3 – Área de proteção ao Castelo de Gaia, do Plano Diretor Municipal da cidade (freguesia de Santa Marinha).

Situada na zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia, denominada de Cais de Gaia, a área de implementação da empreitada, 5633.14 m², englobava um conjunto de 6 edifícios/armazéns onde recentemente se encontrava instalada uma unidade fabril designada de “MarDouro”, fundada em 1969, que se dedicava ao fabrico de utensílios de cozinha em alumínio e aço inoxidável. Apenas um dos armazéns, com entrada independente pela Rua Rei Ramiro, não integrava a fábrica, sendo propriedade do Instituto de Vinho do Porto.

No início da segunda metade do século XIX, estes armazéns terão sido ocupados pelo dinamarquês Jan Hinrich Andresen (1826 -1894), bisavô da escritora Sophia de Mello Breyner Andresen, que aqui instalou a sua empresa de Vinho do Porto e que terá permanecido até aos finais da segunda metade do século XX, ultimamente como J. H. Andresen Sucessores, Lda.

A empreitada em questão, previa a reabilitação/reconversão de dois dos armazéns e o desmonte do restante edifício dando lugar a três novos edifícios construídos de raiz e a espaços exteriores entre eles. Todavia, os dois edifícios principais que permaneceram foram alvo de uma enorme

¹ ERA-Arqueologia S.A. - franciscoraimundo@era-arqueologia.pt.

² ERA, Arqueologia, S.A - josecarvalho@era-arqueologia.pt.

³ Arqueólogo.

intervenção, por forma a requalificá-los mantendo assim os traços arquitetónicos característicos dos armazéns relacionados com o Vinho do Porto.

A abordagem arqueológica realizada teve por base o parecer prévio emitido pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC) / Direção Regional da Cultura do Norte (DRCN), decorrente do processo relativo à construção do empreendimento.

Assim, os trabalhos arqueológicos desenvolveram-se entre o dia 10 de Abril de 2018 e 30 de Setembro de 2021 e contemplaram duas fases de execução que consistiram, primeiramente, antes do arranque da empreitada, na realização de sondagens de diagnóstico, seguindo-se o acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos de demolição, desmonte de estruturas, levantamento de pisos e movimentação de terras, tendo-se elaborado o registo fotográfico da evolução da empreitada, procedendo-se ao registo fotográfico e gráfico (à escala 1/20, preferencialmente) dos elementos patrimoniais e de todos os vestígios / pormenores considerados úteis para a compreensão de evolução do edificado.

De salientar, que durante o acompanhamento da escavação / desaterro da área corresponde a dois dos edifícios localizados na zona central do empreendimento, foram identificadas várias estruturas relacionadas com anteriores ocupações do espaço, o que conduziu à adoção de medidas de minimização que implicaram a escavação arqueológica.

2. Enquadramento geográfico e histórico

O conjunto de imóveis alvo dos trabalhos arqueológicos situam-se entre a Rua de Rei Ramiro, a Rua Cais de Gaia e a Rua de Pereira da Costa, todas pertencentes à Antiga Freguesia da Santa Marinha, que desde 2012, por força da reorganização administrativa do território, introduzida pela Lei n.º 22/2012 de 30 de maio, integram a União das Freguesias de Santa Marinha e São Pedro da Afurada, concelho de Vila Nova de Gaia e distrito do Porto.



Figura 1 – Localização do sítio (a vermelho) num excerto da Carta Militar de Portugal 1/25 000, folha número 122.

Em termos geológicos, dominam os granitos do Porto e as formações do Complexo xisto-grauváquico, sendo que sobre

as formações mais antigas predominam depósitos de praias antigas e terraços fluviais.

A imagem do centro histórico de Gaia, designadamente da Vila Nova, está fortemente conetada com as caves de Vinho do Porto, contudo, convém mencionar que a riqueza mercantil se ficou, durante muito tempo, pela margem direita, assim como grande parte dos armazéns que, só a partir do século XVIII, passaram a ocupar mais intensamente a zona ribeirinha de Gaia, quando o aumento das exportações exigiu amplos espaços de armazenamento que o Porto não possuía.

O conjunto de edifícios que encontramos atualmente na área da intervenção arqueológica constituem testemunhos diretos da história do passado da margem sul do Rio Douro e que caracterizam a zona histórica ribeirinha de Gaia, onde estavam sediadas as caves e armazéns dos principais produtores do Vinho do Porto.

3. Trabalhos arqueológicos

Desenvolvidos em duas fases distintas da obra, os trabalhos realizados consistiram, primeiramente, em fase prévia, na execução de sondagens de diagnóstico distribuídas por toda a área de projeto por forma a permitir uma boa leitura estratigráfica do local, bem como, a deteção de eventuais vestígios arqueológicos de ocupações anteriores. Posteriormente, a segunda fase dos trabalhos contemplou o acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos de demolição, desmonte de estruturas, levantamento de pisos e movimentação de terras.

Deste modo, a fase preparatória dos trabalhos arqueológicos, decorreu entre o mês de abril de 2018 e dezembro de 2019, compreendeu a realização de 19 sondagens de diagnóstico distribuídas por 4 períodos de intervenção, que se desenvolveram sempre com base nos resultados obtidos na fase precedente. Inicialmente foram executadas 12 sondagens que incidiram numa área total de 58m² que foi aumentando gradualmente com o avanço dos trabalhos terminando com cerca de 1115m² intervencionados.

A segunda fase dos trabalhos, correspondente ao acompanhamento arqueológico, teve início no mês de dezembro de 2019 com o arranque da empreitada permitindo a elaboração do registo fotográfico da evolução da empreitada, assim como o registo fotográfico e gráfico à escala 1/20, preferencialmente, das estruturas identificadas de acordo com a sua relevância.

No decorrer do acompanhamento dos trabalhos de desaterro das áreas correspondentes a dois dos armazéns localizados na zona central do empreendimento, foram identificadas algumas estruturas relacionadas com anteriores ocupações do espaço, o que conduziu à adoção de medidas de minimização conducentes à escavação arqueológica em área, por forma a proceder-se ao registo mesmas. A descoberta destas novas realidades culminou com a intervenção arqueológica numa área de cerca de 340 m² distribuídos por duas áreas.

Os trabalhos realizados permitiram colocar a descoberto várias estruturas relacionadas com a utilização do espaço como armazéns de vinho, bem como, com a tanoaria a vapor aqui instalada no último quartel do século XIX.

Do conjunto de estruturas identificadas nas áreas alvo de escavação arqueológica, destaca-se a presença de uma construção cronologicamente enquadrável no período da Antiguidade Tardia, século IV/VI d.C., bem como, várias construções posteriores. Dessas estruturas salienta-se a presença de duas vias de circulação que se sobrepõem e de uma lagareta escavada na rocha que será contemporânea do caminho mais antigo.

Por forma a facilitar a georreferenciação e sistematização de informação recolhida, bem como, para melhor compreensão da ocupação do espaço e da evolução do edificado, a área em estudo foi dividida em seis espaços que se encontram fisicamente separados pelas paredes que compõem os vários edifícios e que foram denominados como Armazém 1, Armazém 2, Armazém 3, Armazém 4, Armazém 5 e Armazém 6, como representado na figura 2.



Figura 2 – Divisão da área da empreitada por armazéns (Armazém 1; Armazém 2; Armazém 3; Armazém 4; Armazém 5; Armazém 6).

4. Sondagens de diagnóstico

A área intervencionada no âmbito do diagnóstico arqueológico localiza-se, essencialmente, nos Armazéns 1 e 3 que culminou com a escavação de cerca de metade da área total do primeiro armazém e a totalidade do terceiro. Na base dos vários períodos de escavação (4), que constituíram o alargamento das sondagens iniciais, estiveram as estruturas identificadas relacionadas com anteriores ocupações do espaço.

Assim, no Armazém 1 foram registadas várias estruturas que estarão relacionadas com a tanoaria a vapor que aí foi instalada no último quartel do século XIX, pela mão de Jan Hinrich Andresen. De todas as estruturas registadas destacam-se duas canalizações construídas em tijolo maciço/industrial, uma construída sobre a outra, resultado da sua reformulação, e uma estrutura construída também com o recurso ao mesmo tipo de material onde é visível o arranque de uma chaminé. Por entre estas estruturas, por todo o armazém, sucedem-se vários maciços, dispostos sempre com a mesma distância, que serão resultado de uma ocupação do espaço posterior à tanoaria.



Figura 3 – A - Vista das estruturas identificadas no Armazém 1; B - Vista das estruturas registadas no Armazém 3.

No Armazém 3 foram registadas várias estruturas, sendo que, a maioria estão relacionadas com o armazenamento de vinho. Com o término da execução das várias sondagens implantadas neste edifício e com os resultados obtidos, verificando-se a existência de estruturas em todas elas, procedeu-se à escavação integral do armazém. Com estes trabalhos de escavação percebeu-se que anteriormente o armazém era composto por duas áreas distintas: a primeira, localizada próxima da entrada principal do edifício, onde terá funcionado algum tipo de indústria provavelmente relacionada com a máquina a vapor da tanoaria existente no armazém 1, e, a segunda, correspondente a cerca de dois terços do imóvel, que terá sido utilizada como espaço de armazenamento. Das estruturas identificadas destaca-se a presença de várias estruturas tipo “saibreiras” dois depósitos subterrâneos, quatro conjuntos de bases de balseiros e a rampa de acesso ao armazém.

Do diagnóstico levado a cabo nos restantes armazéns, 2, 4, 5 e 6 não resultou a identificação de estruturas relevantes, pelo que, apenas uma das sondagens realizadas no Armazém 2 foi alvo de alargamento decorrente da presença de um antigo muro de socaço.

5. Acompanhamento arqueológico

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico incidiram em toda a área de projeto e consistiram na observação de todos os trabalhos de demolição/desmonte de estruturas,

levantamento de pisos e movimentações de terras. A execução destes trabalhos permitiu dar continuidade ao registo das várias estruturas identificadas durante a fase de diagnóstico, bem como a identificação de novas realidades/contextos.

Assim, no Armazém 1 foi possível registar dois níveis de ocupação anteriores constituídos por pisos em saibro, bem como perceber algumas das várias reformulações de que o edifício foi alvo. Na zona central do armazém foram registados dois conjuntos de maciços para apoio dos pilares centrais que atestam essa alteração, sendo que, por baixo do nível de circulação mais antigo, existente apenas na metade noroeste do armazém, sucedem-se vários depósitos de aterros até se atingirem os níveis de lodo demonstrando assim que toda a área do Armazém 1 terá sido “conquistada” ao rio Douro. Durante o acompanhamento dos trabalhos de desmonte da cobertura do Armazém 1 foram identificadas duas inscrições em duas traves que compõem a armação do telhado e que apontam no sentido em que toda a madeira de riga utilizada na construção dos vários armazéns terá sido importada do Estado da Geórgia, da serração “SIMONS MILLS Dodge.Meigs&Co.” situada na Ilha de St. Simons e que laborou, essencialmente, no último quartel do século XIX.

No Armazém 2 foram também identificadas/registadas várias estruturas relacionadas com ocupações anteriores destacando-se a presença de um muro de socallo localizado na noroeste do edifício, detetado em fase de diagnóstico. Com a progressão dos trabalhos percebeu-se que esta estrutura de contenção de terras encostava à parede de um antigo edifício que ocupava a primeira metade do armazém atual e do qual foi possível registar parte da parede norte e da parede este. No tramo da parede este do antigo edifício, voltada às Escadas da Bica, foi ainda registada parte de um antigo vão que corresponderá, provavelmente, a uma janela de arco em ogiva.

No Armazém 3, como já havia sido intervencionado de forma integral, não foram identificadas estruturas relevantes, pelo que, apenas foi identificada uma estrutura tipo “saibreira” localizada próximo da entrada para o armazém. No que diz respeito ao acompanhamento dos trabalhos parietais, neste armazém foram identificados vários vãos entaipados resultado da alienação do edifício dos restantes. Assim, ao nível do rés-do-chão foram registados na parede nordeste três vãos em arco de volta perfeita que serviam de ligação com o Armazém 1. Na parede oposta, sudoeste, ao nível do segundo piso foi registado um vão que servia de acesso ao logradouro do Armazém 4 e consequentemente à Rua Rei Ramiro. Na área de logradouro do Armazém 3 foi registado um vão de escadas, também entaipado, que servia igualmente de acesso ao Armazém 4 e à Rua Rei Ramiro. Ainda na parede sudoeste, na zona onde esta descreve uma curva para sudeste, percebeu-se a existência de uma junta que será, provavelmente, fruto da remodelação efetuado no edifício aquando dos trabalhos de alinhamento da Rua Rei Ramiro realizados à entrada do último quartel do século XIX.

Nos Armazéns 4 e 5, localizados na zona central do empreendimento, durante o acompanhamento dos trabalhos



Figura 4 – **A** - Vista do piso mais antigo identificado no armazém 1; **B** - Inscrição identificada nas traves da cobertura do armazém 1; **C** - Parede identificada no Armazém 2; **D** - Vista do vão do antigo edifício identificado na parede este do Armazém 2.

de desaterro das áreas correspondentes aos dois edifícios foram identificadas algumas estruturas relacionadas com anteriores ocupações do espaço que conduziram à adoção de medidas de minimização que passaram pela escavação arqueológica. Ainda assim, anteriormente à deteção dos contextos alvo de escavação arqueológica, no Armazém 4 apenas tinham sido identificadas algumas estruturas tipo “saibreira” e a antiga parede do Armazém 6 à qual se sobrepôs o Armazém 4 sendo assim testemunho da sua posterioridade. No Armazém 5, por baixo do nível de circulação atual foi registado um pavimento lajeado composto por lajes de granito que constituirá o nível de circulação da “lavagem da cascara” do antigo armazém de vinhos da família Andresen. Seguidamente, depois de removidas as lajetas, foi identificado um conjunto de várias canalizações que serviam, possivelmente, ao escoamento da água proveniente dos trabalhos de lavagem das pipas e ao abastecimento/funcionamento da máquina a vapor situada no Armazém 1.

Finalmente, do acompanhamento dos trabalhos realizados na área correspondente ao Armazém 6 não resultou a identificação de estruturas relevantes resumindo-se a estruturas relacionadas com os Balseiros utilizados no armazenamento de vinho, a estruturas tipo “saibreiras” e ao conjunto de maciços que serviram de base aos pilares de suporte da antiga cobertura.

6. Escavação arqueológica

Como referido anteriormente, durante o acompanhamento dos trabalhos de desaterro das áreas correspondentes a dois dos armazéns, foram identificadas várias estruturas relacionadas com anteriores ocupações do espaço, o que conduziu à adoção de medidas de minimização conducentes à escavação arqueológica em área, por forma a proceder-se ao registo das mesmas. Assim, a primeira área intervencionada, com cerca de 160 m², integra a área do Armazém 4 e a segunda, com uma área de cerca de 180m², incorpora a área do Armazém 5.

Primeiramente, os trabalhos de desaterro incidiram no Armazém 4 onde durante o acompanhamento do processo de escavação foram identificadas duas estruturas que correspondiam a dois muros, com orientação sudoeste – nordeste, dispostos paralelamente e com alguns materiais de época romana associados, nomeadamente fragmentos de tégula e ânfora. De referir, que as estruturas identificadas se situavam no espaço entre duas sondagens de diagnóstico realizadas em fase prévia e que não revelaram a presença de estruturas/materiais relevantes, estando o substrato geológico imediatamente por baixo do nível de circulação atual.

A área de escavação foi implantada por forma a incluir as estruturas identificadas, bem como toda a área disponível de ser intervencionada condicionando o menos possível o desenrolar da empreitada.

A presença contante de água nesta zona não permitiu, devido às nascentes de água existentes nas imediações (duas minas

embutidas na parede sudoeste do armazém 4) que foram cortadas pelo avanço das obras, não permitiu estender a área até à parede sudoeste. Assim, a sondagem incidiu inicialmente numa área de 160m², 16 metros X 10 metros, sendo posteriormente alvo de alargamento, a Sudoeste, com a escavação de mais uma faixa de 16m², 16 metros X 1 metro, que foi deixada para tentar conter a entrada de água na área de escavação.

Dos trabalhos de escavação resultou a identificação de um conjunto de 5 estruturas que correspondem a 4 muros e a 1 canalização/aqueduto todos localizados numa depressão do substrato geológico que poderá constituir uma antiga linha de água. Portanto, todas as estruturas terão sido parcialmente destruídas com a construção do armazém atual, aquando dos trabalhos de terraplanagem do espaço para a construção da plataforma, “escapando” assim à demolição preservando-se até hoje.

Para as estruturas colocadas a descoberto não é possível avançar com a sua funcionalidade devido à falta de articulação existente entre as construções. Contudo, através da topografia do terreno percebe-se que nesta zona passaria uma linha de água podendo algumas das estruturas lhe estarem associadas. Anteriormente à construção do armazém, esta área era composta por quintais podendo algumas das construções estar relacionadas com muros de soalco.

De todas as estruturas a parede nordeste do armazém e o aqueduto serão as construções mais recentes enquadráveis, provavelmente, na segunda metade do século XIX. O muro localizado a sudeste constituirá a estrutura mais antiga, uma vez que apresenta material cerâmico cronologicamente enquadrável na época romana na sua construção. Também os depósitos que lhe encostam a sudoeste revelam a presença do mesmo tipo de espólio arqueológico.

De salientar, que os trabalhos de escavação realizados nesta área não se afiguraram de fácil execução devido à grande quantidade de água que existia no local proveniente das minas, aliada ao mau tempo verificado durante o período em que decorreram os trabalhos.

Com a evolução da empreitada e durante os trabalhos de escavação/desaterro da área correspondente ao Armazém 5 foram, novamente, identificadas estruturas de construção anterior ao edificado existente atualmente. Assim, procedeu-se à suspensão dos trabalhos de desaterro e definiu-se uma área para escavação arqueológica que englobasse as estruturas identificadas, 180m².

Constrangimentos relacionados com o progresso da obra, não permitiram a escavação integral de toda a área em simultâneo, originando a divisão dos trabalhos em duas áreas. Assim, primeiramente foi intervencionada a zona sudoeste, com cerca 140m², 18 metros X 8 metros, e posteriormente a zona nordeste com cerca de 40m², 10 metros X 4 metros. Também a escavação de cada uma das duas áreas não se desenvolveu de forma contínua ficando sempre uma parte para uma segunda fase. Na primeira área os trabalhos foram

condicionados pela instabilidade das paredes sudeste e nordeste do Armazém 1, e a segunda área foi condicionada pela necessidade de entrada de maquinaria no Armazém 1 para dar continuidade ao desaterro do seu interior.

Dos trabalhos de escavação desta área resultou a identificação de várias estruturas que demonstram a ocupação deste espaço ao longo dos anos. Assim, por baixo dos vários níveis de aterro depositados nesta área, com vista à construção da plataforma que deu origem ao Armazém 5, foram identificadas duas estruturas que corresponderão, possivelmente, aos restos das paredes de um antigo edifício que aqui terá existido anteriormente ao conjunto de armazéns atual. Exposto à subida das águas do Rio, a extremidade sudeste de uma estrutura apresenta forma de talha-mar, e o conjunto das duas estruturas formam uma espécie de passagem/vão entre elas. Uma destas estruturas está encostada a um antigo muro que já havia sido registada em fase de acompanhamento, uma vez que serviu de alicerce à parede sudoeste do Armazém 1.

Desmontadas algumas das estruturas foi registada a existência de um antigo caminho lajeado, com orientação noroeste – sudeste, que serviria de acesso ao rio Douro, e de um edifício em forma de talha-mar que se encontrava por baixo do edifício referido anteriormente. Aparentemente ambas as estruturas serão contemporâneas e terão sido cortadas, primeiramente, pelo muro registado que serve de alicerce à parede sudoeste do Armazém 1 e, posteriormente, conjunto das duas estruturas anteriormente descritas.

Após a remoção do lajeado e da respetiva camada de assentamento foi registado outro caminho lajeado mais antigo que também serviria de acesso ao Rio Douro. Com orientação oeste -este, esta estrutura viária foi destruída pela construção pela construção edifício em forma de talha-mar mais antigo. Possivelmente contemporâneo deste caminho, localizada a menos de um metro, será a lagareta identificada por baixo da parede que serviu de alicerce ao Armazém 1. Esta estrutura rupestre é constituída por três cavidades escavadas no afloramento rochoso, alinhadas e elaboradas em três planos altimétricos diferentes. De planta circular a cavidade superior encontra-se ligada à segunda através de orifício circular escavado na rocha. Da segunda cavidade, de planta ovalada, segue um pequeno canal até à terceira e última cavidade.

Nesta área foi também identificada uma estrutura cronologicamente enquadrável no período romano, que à semelhança da estrutura registada na escavação realizada no Armazém 4 também possui material cerâmico dessa época na sua construção. Localizado na zona sudoeste da área de escavação, esta estrutura (muro) apresenta apenas cerca de 1 metro de comprimento e poderá tratar-se da continuação da estrutura identificada no Armazém 4 que foi cortada pela construção da parede comum aos Armazéns 4 e 5.

Em suma, nesta área de escavação, localizada na área correspondente ao Armazém 5, foram registadas 5 fases de ocupação anteriores ao edifício atual enquanto armazém relacionado com o armazenamento e exportação de vinho (lavagem da cascaria) no último quartel do século XIX.



Figura 5 – A - Vista do plano final da escavação no Armazém 4; B - Vista das estruturas identificadas até ao nível do piso mais recente no Armazém 5; C - Vista do caminho lajeado mais recente; D - Vista do caminho lajeado mais antigo; E - Vista da lagareta.

7. Espólio arqueológico

Dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do projeto de construção da unidade hoteleira “The REBELLO – Luxury Hotel And Apartments”, que compreenderam sondagens de diagnóstico, acompanhamento e escavação arqueológica, resultou um conjunto de espólio muito diversificado composto por 7730 fragmentos de peças de várias tipologias e materiais que são cronologicamente enquadráveis entre o período tardo-romano e os finais do século XX.

A maior parte do material identificado/recolhido corresponde a fragmentos de peças cerâmicas (69%), material lítico (13%) e material metálico (pregos, tubos, escória, etc.) e osteológico, sobretudo fauna mamalógica (10%). Menos representativos surgem as moedas, os fragmentos de madeira e cortiça.

O conjunto de espólio cerâmico inventariado é constituído maioritariamente por cerâmica comum/utilitária (43%) e material de construção (19%), sendo que foram considerados materiais de época romana, nomeadamente de fragmentos de ânfora, tégula e imbrice. A cerâmica faiança também possui grande representatividade (18%), bem como a cerâmica vidrada (15%) destacando-se a presença de fragmentos cronologicamente enquadráveis entre os séculos XVII e XIX. Menos representados surge o azulejo (2%) e o caulino (2%) destacando-se a presença de fragmentos de tradição hispano-árabe e os fragmentos de cachimbo, respetivamente. Finalmente, de forma quase residual aparece a porcelana (1%) e o grés (menos de 0,5%).

Relacionando o espólio arqueológico com as várias fases de ocupação registadas/identificadas, os materiais cronologicamente enquadráveis na fase mais antiga, Antiguidade Tardia, que surgem associadas a duas das estruturas registadas nas áreas alvo de escavação arqueológica, correspondem, essencialmente, a fragmentos de cerâmica de armazenamento (ânfora) e material de construção (tégula e imbrice), sendo que também foram identificados alguns fragmentos de cerâmica comum, cerâmica fina e vidro.

O material anfórico exumado é constituído por fragmentos de ânforas lusitanas de tipologia indeterminada, fragmentos de ânforas provenientes do Mediterrâneo Oriental (Ânfora Romana Tardia 1, LRA 1); Ânfora Romana Tardia 2, LRA 2) e fragmentos de ânforas provenientes do Norte de África.

A Ânfora Romana Tardia 1 seria utilizada, essencialmente, no armazenamento de vinho¹ e azeite². A utilização destes utensílios para armazenamento destes dois produtos é considerada plausível por Fernández (2014, p.340), uma vez que, tendo em consideração a localização dos centros de produção deste tipo de ânfora, junto à costa (Arsuz o

Seleucia), onde estas duas mercadorias eram produzidas em grandes explorações, nos territórios de importantes cidades como Apamea e Antióquia, e depois comercializado a larga distância. Atualmente, conhecem-se cerca de 16 centros produtores de Ânfora Romana Tardia (LRA 1), concentrados sobretudo na parte Este da Sicília e no Norte da Síria (Golfo de Iskenderum-Turquia). Identificaram-se igualmente alguns centros na parte ocidental da Ilha de Chipre e na costa das antigas províncias de Panfília, Lícia e Caria (costa sul da Turquia) inclusivamente na ilha de Rodas.

Cronologicamente, devido ao seu tremendo êxito comercial, a sua utilização é muito ampla. Deste modo, as variantes 1A e 1B de Piéri (2005), tendo em consideração as datações gaulesas, documentam-se a partir de inícios do séc. V d. C. até meados do séc. VII d.C.

Da Ânfora Romana Tardia 2 (LRA2), existem evidências de que seria igualmente utilizada no armazenamento e transporte de vinho e azeite³. A concentração deste tipo anfórico na área do Mar Egeu (Grécia/Ilhas Gregas) e do Mar Negro, sugere uma produção mais intensiva nesta região. Quanto ao seu enquadramento cronológico, a produção deste tipo de ânfora (LRA 2) surge a partir do início do século IV d.C. na Scythia (Opaiț, 1996; 2004a; 2004b) e em Atenas (Robinson, 1959: Tipo M272). Em Cartago, há um aumento acentuado de sua presença a partir de meados do século VI, enquanto a sua produção parece ter terminado na primeira metade do século VII d. C. (Riley, 1981; Peacock, 1984).

Finalmente, das ânforas norte-africanas, salienta-se a presença da ânfora Keay 62 produzida em oficinas do norte e centro (em menor percentagem) da Tunísia, entre o final do séc. V d.C. a meados do séc. VI d.C. (variante A); final do VI séc. d.C. ao início do sétimo século d.C., variante E. O seu conteúdo é incerto, talvez molho de peixe ou vinho (Opaiț, 1998), no entanto, um conteúdo oleícola não pode ser excluído.

No que diz respeito ao material vítreo relacionado com esta fase de ocupação mais antiga é de referir ainda a presença de alguns fragmentos de vidro de produção tardia, cronologicamente enquadráveis nos séculos IV-Vd.C.. embora se trate de fragmentos de difícil análise tipológica, mas tecnicamente com cores que variam entre o verde-amarelado e o verde-amarelado escuro são características que se enquadram na Época Tardia (Cruz, 2009).

Da 2.^a fase de ocupação do local; *grosso modo* enquadrável entre meados do século XV e inícios da Idade Moderna destaca-se a presença de vários numismas, que pela sua morfologia nos parecem Ceitis, um é efetivamente um Ceitil, e um azulejo de tradição hispano-árabe feito com a técnica de corda seca, situando-se os centros produtores destes nas cidades de Toledo e de Sevilha.

¹ Piéri (2005) argumenta que o vinho era, provavelmente, o conteúdo principal.

² Análises já efetuadas demonstram que o conteúdo principal era o azeite.

³ Opaiț sugere que este tipo servia, provavelmente, para transportar azeite. Peacock & Williams (1986, p.183) referem a incerteza relativamente ao seu conteúdo, uma vez que, o *tituli picti* (associado ao transporte de azeite) detetado na Roménia possa ser resultado de uma reutilização.

Cronologicamente enquadrável na Idade Moderna, que compreende a 3.^a fase crono-estratigráfica do espaço, foram recolhidos vários fragmentos cerâmicos (faiança, porcelanas e comum) e alguns numismas. Das faianças recolhidas nesta intervenção arqueológica, podemos encontrar nas intervenções efetuadas na Casa do Infante (Porto) alguns exemplares correspondentes, como por exemplo: um fragmento de prato com decoração em gomos e outro com decoração de rendas a azul e manganês, inseridos em depósitos datados do terceiro quartel do século XVII (1640-1675) (Oliveira, 2013). Este material surge associado a depósitos anteriores à construção dos atuais armazéns podendo estar relacionados com antigos edifícios representados na aguarela de Pier Maria Baldi (Biblioteca Laurenziana em Florença), 1669.

Da 4.^a fase crono-estratigráfica, Idade Moderna/Idade Contemporânea, com a construção dos vários armazéns existentes e com a modificação do terreno envolvente surge-nos algum espólio associado, composto, essencialmente, por fragmentos cerâmicos (faiança, material de construção, comum, vidrados de chumbo e fragmentos de cachimbo).

O conjunto de faianças enquadra-se, maioritariamente, nas produções do ceramista Manuel da Costa Brioso, designada “louça brioso” destacando-se a presença de motivos florais, vegetalistas, cercaduras simples a azul ou manganês, círculos concêntricos a manganês, rendas a azul e manganês, etc. (Dordio *et al.*, 2001: pp. 152-155). De referir que a maioria das produções identificadas parece enquadrar-se nas produções nacionais, possivelmente locais, da chamada “faiança fina” ou louça de pó de pedra, destacando-se as imitações dos modelos ingleses, pelo método de transferência dos desenhos (transfer ware), datáveis da segunda metade do século XIX.

Relativamente ao conjunto de fragmentos de cachimbo em caulino podemos citar como modelos análogos as coleções identificadas no decurso dos trabalhos arqueológicos na Rua Mouzinho da Silveira, n.º 208-214, Porto. Das tipologias presentes, destaca-se o tipo 30/34 (Muelen), na variante B que se caracteriza pela forma ovoide ou em gancho, pedúnculo achatado e cor predominantemente branca ou creme, com acabamento predominantemente liso, exibindo apenas um “roletado” junto à boca de forninho, enquadrável

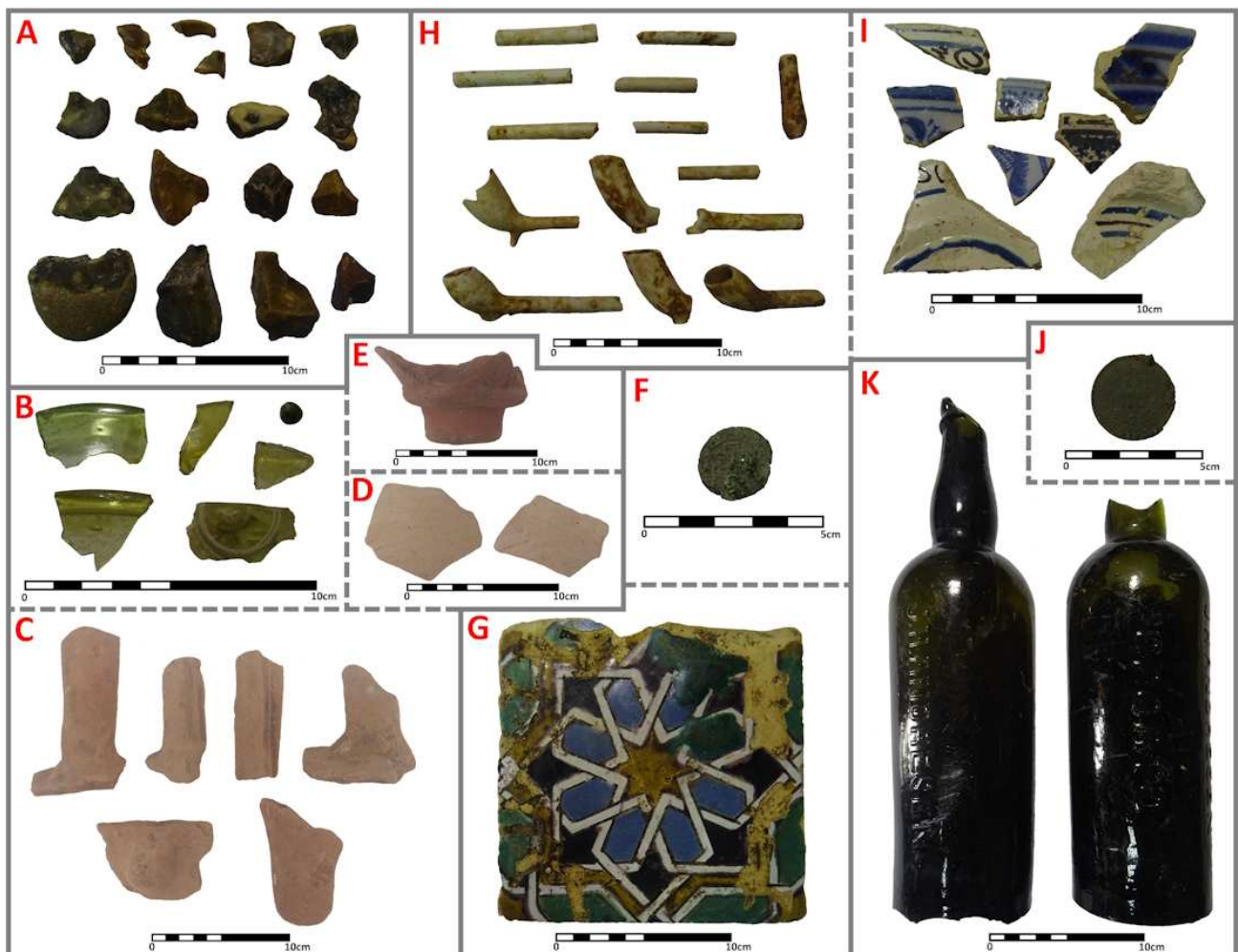


Figura 6 – A - Objetos em sílex; B - Vidros de produção tardia; C - Fragmentos de Ânfora Romana Tardia 1 (LRA1); D - Fragmentos de Ânfora Romana Tardia 2 (LRA2); E - Fragmento de Ânfora Keay 62 do Norte de África F - Ceitil; G - Azulejo de tradição hispano-árabe; H - Conjunto de cachimbos holandeses do tipo 30/34 (Muelen), na variante; I - Faianças dos séculos XVIII-XIX; J - Moeda de D. Luiz I; K - Garrafas com marca do produtor (J. H. ANDRESEN / OPORTO).

nas produções holandesas sensivelmente ao longo do século XVIII (Cosme, Lopes, 2000). É também de salientar a presença de dois exemplares que evidenciam marcas de produção, uma letra em cada lateral do pedúnculo⁴. Contudo, a presença de um fragmento evidenciando uma marca de produção com a inscrição “CHESTER” parece remeter a uma produção inglesa, com atividade documentada nos séculos XVI e XVII e que conheceu uma reativação da procura e consequente produção em inícios do século XIX (Serdoura, 2019).

Da 5ª e última fase crono-estratigráfica, enquadrável na 2.ª metade do século XIX e início do século XX, destaca-se a presença de alguns numismas do reinado de D. Luís I (1861-1889), bem como, a presença de vários fragmentos de garrafas em vidro relacionados com o engarrafamento e comercialização de “Vinho do Porto”, sendo visível a inscrição “J.H. ANDESEN/OPORTO” no bojo. Estes materiais atestam a ocupação deste espaço pela empresa ANDRESEN que se dedicava maioritariamente à exportação de vinhos e que, com base em informação histórica, aqui se terá estabelecido no ano de 1845.

Por fim, embora não fosse identificado nenhum nível de ocupação pré-histórica, portanto em contexto secundário (de deposição aluvial dos materiais nas antigas margens do rio Douro), é de referenciar a presença de indústria lítica quase exclusivamente sobre sílex. Os objetos recolhidos correspondem, essencialmente, a núcleos de sílex, lascas e seixos, que, de um modo geral não evidenciam qualquer tipo de talhe salientando-se apenas, a frequência com que este tipo de material aparece na área em estudo, sobretudo nos armazéns mais próximos do Rio Douro (Armazéns 1, 2 e 5), onde se registaram os maiores níveis de aterro relacionados com a construção das plataformas para instalação do edificado existente.

8. Síntese interpretativa

O cruzamento de todos os dados resultantes dos trabalhos arqueológicos levados a cabo no âmbito da empreitada de construção do “The REBELLO – Luxury Hotel and Apartments” com as informações resultantes da pesquisa documental, permitem avançar algumas considerações acerca da evolução do espaço construído.

Os contextos identificados no decorrer dos trabalhos arqueológicos correspondem a um quadro cronológico compreendido entre a antiguidade tardia, séculos IV a VI d.C. e o século XX. As construções mais recentes correspondem a obras realizadas durante a segunda metade do século XX que resultam da adaptação dos antigos armazéns às necessidades da instalação da fábrica que aqui laborou recentemente.

Assim, na zona central do empreendimento, na área ocupada pelos armazéns 4 e 5 foram identificadas duas estruturas que

corresponderão a dois segmentos de um muro que se constituirá como a construção/vestigio mais antigo. Com base nos materiais recolhidos no interior da estrutura juntamente com os recolhidos nos depósitos que lhe estão associados permite enquadrar a construção desta estrutura entre os séculos IV a VI d.C., portanto no período tardo-romano.

Mais recentes, do período Moderno foram identificadas algumas estruturas, nomeadamente alguns muros que restam de antigos edifícios, assim como duas calçadas e uma lagareta rupestre, todos localizados na zona central do empreendimento, também na área correspondente aos armazéns 4 e 5. Contudo, deste conjunto de estruturas as mais antigas serão a lagareta e um dos caminhos com orientação oeste – este (uma vez que se encontra por baixo do outro). Posteriormente, por cima do antigo caminho foi construído um edifício em forma de talha-mar ao qual foi adossado outra estrutura viária mais recente e com outra orientação, noroeste – sudeste. Seguidamente, é construído um muro cuja edificação destrói parcialmente o caminho. Este muro, do qual se desconhece a sua funcionalidade, mas que aparentemente, com base nas suas características, construído com blocos de granito de grande dimensão e apenas uma face, poderia integrar um antigo edifício ou constituir um paredão que faria limite com o areal da antiga Praia da Cruz, servindo mais tarde de base à parede comum aos armazéns 1 e 3. Mais tarde, terá sido construído um outro edifício sobre o mais antigo que decalca parcialmente a sua planta em forma de talha-mar. Relacionado com esta estrutura é construído um maciço de planta triangular sobre o antigo caminho, sendo que o conjunto das duas estruturas forma uma espécie de entrada/passagem.

Ainda do mesmo período, foram identificadas na área correspondente ao Armazém 2 algumas estruturas nomeadamente dois segmentos de muro que terá servido de parede nordeste (voltada ao rio Douro) de um antigo edifício, bem como parte da parede sudeste registada por baixo das Escadas da Bica, onde é visível parte de um antigo vão, aparentemente de uma janela em ogiva. Neste armazém e relacionado com este antigo edifício foram ainda registados dois segmentos de um antigo muro de soccalco.

Através da pesquisa bibliográfica, principalmente de representações gráficas antigas a primeiras referências/imagens a esta zona de Vila Nova de Gaia surgem numa aquarela de Pier Maria Baldi datada de 1669, na qual é representada Vila Nova, o Rio Douro e o Porto. Observando esta obra e tendo como referência o Convento Corpus de Christi localizado a meio da imagem, é possível visualizar a presença de algumas construções nesta zona que aparentam corresponder a armazéns e provavelmente a alguns muros de soccalco ou de delimitação de propriedade. Ainda assim, a pouca resolução da imagem não permite afirmar com certeza que se trata, efetivamente, dos edifícios localizados na zona do empreendimento dos quais poderiam fazer parte algumas das estruturas identificadas. Contudo, fica a referência da existência de construções nesta zona.

Mais tarde, já no início do século XIX, analisando a Planta redonda do Porto de George Balck, publicada em 1813, são

⁴ Um dos exemplares ostenta as letras “O/B” impressas num pedúnculo pontiagudo e o outro as letras “W/T” (?) num pedúnculo achatado.

visíveis vários edifícios localizados na área de estudo. Percebe-se a existência de um edifício de planta afunilada na área correspondente aos Armazéns 1 e 3, bem como na área do Armazém 2. Na zona central parece existir um caminho que poderá corresponder a um dos dois identificados na área da escavação arqueológica do Armazém 5.

Também em frente ao Armazém 2, na zona ocupada pelas Escadas da Bica percebe-se a existência de um acesso à atual Rua Costa Pereira. Apesar de se retirarem algumas conclusões da visualização desta cartografia, o facto de os edifícios não se encontrarem totalmente representados, uma vez que o foco do mapa é a cidade do Porto, não permite uma leitura mais precisa e detalhada.

Na panorâmica da marginal de Gaia representada no desenho a nanquim de M.^{rs} Gonne representada por deferência de M.^{rs} Jennings datada de 1830-31 é visível parte dos edifícios existentes na área dos atuais armazéns, nomeadamente do Armazém 1 e do Armazém 6.

Nesta imagem percebe-se a existência de um edifício que corresponderá ao Armazém 1, sendo que na época possuía, aparentemente, apenas 1 piso, isto com base na existência de apenas uma fiada de janelas. Por trás deste armazém é visível um telhado que constituiria a cobertura de um edifício que corresponderá ao Armazém 3.

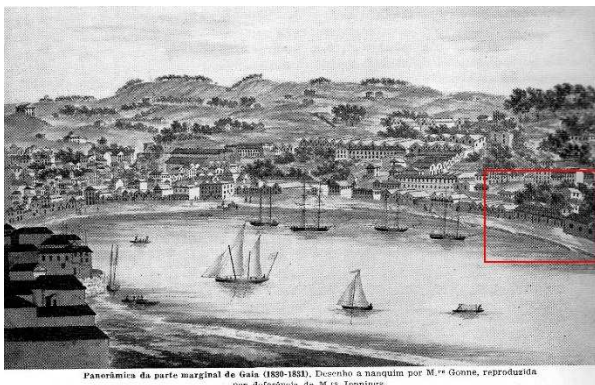


Figura 7 – Panorâmica da marginal de Gaia (1830-1831). Desenho a nanquim por M.^{rs} Gonne reproduzida por deferência de M.^{rs} Jennings.

Comparando o desenho anterior com uma imagem idêntica, mais ou menos com a mesma perspetiva (Google Earth), são bem perceptíveis as semelhanças entre o edificado existente na área de estudo, bem como de alguns edifícios existentes nas proximidades. Ainda assim, é notória a diferença relativamente ao Armazém 6 podendo corresponder a outro edifício que possivelmente estará relacionado com algumas das estruturas identificadas na área da escavação arqueológica (Armazém 5).

Posteriormente, na cartografia elaborada por Perry Vidal com base nos dados recolhidos em 1844 e publicada em 1965 incluindo já alguns edifícios e melhoramentos não se verificam alterações relevantes em relação à Planta redonda do Porto de 1813.



Figura 8 – Planta da cidade do Porto por Perry Vidal (dados recolhidos em 1844 e publicada em 1965).

De referir que nesta cartografia apenas se registam edifícios nas áreas que corresponderão atualmente aos Armazéns 1 e 2. Todavia, é visível a existência de uma possível estrutura de contenção de terras localizada entre os dois edifícios que descreve uma espécie de ziguezague sensivelmente a meio. Esta estrutura poderá também estar relacionada com algumas das construções registadas na área da escavação arqueológica (Armazém 5).

Em meados do século XIX, decorria o ano de 1845, um dinamarquês de seu nome Jan Hinrich Andresen (1826 - 1894), que havia chegado ao Porto poucos anos antes, numa embarcação proveniente do Norte da Europa, instala nestes armazéns a sua empresa relacionada com a comercialização de Vinho do Porto.

É durante o tempo em que os armazéns estão na posse de Jan Andresen, e obviamente a reboque do sucesso da sua empresa, que o edificado é alvo de profundas remodelações que o transformam completamente.

Contudo, as primeiras remodelações ocorridas no ano de 1872 não estarão diretamente relacionadas com a expansão do negócio do dinamarquês, uma vez que, segundo a planta do alinhamento da Rua Rei Ramiro elaborada pelo Arquiteto da Câmara de Gaia Evaristo Nunes Pinto, datada de 22 de maio do mesmo ano, são obras promovidas pelo organismo público.

Estas obras que visam o alinhamento/alargamento da Rua Rei Ramiro afetam diretamente a o Armazém 3 cortando-lhe uma pequena facha afunilando ainda mais a zona da entrada. Deste modo, percebe-se as alterações verificadas nas paredes sul e sudeste do Armazém 3 que o delimitam com a Rua Rei Ramiro, sendo bem visível essa reformulação.

Ainda na mesma década, uma licença datada de 1887 refere-se às obras de reformulação do edifício pelas mãos do proprietário Jan Hinrich Andresen, acompanhando a favorável evolução dos negócios. São estas as primeiras alterações ao edificado existente de que dispomos licenças.

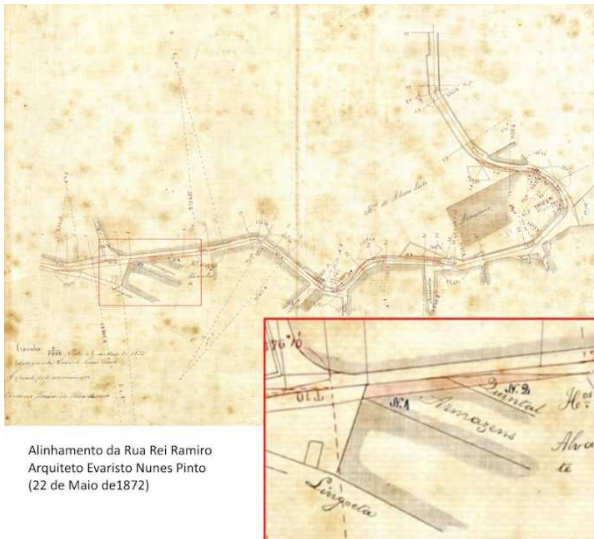


Figura 9 – Planta referente ao Alinhamento da Rua Rei Ramiro, datada de 1872.

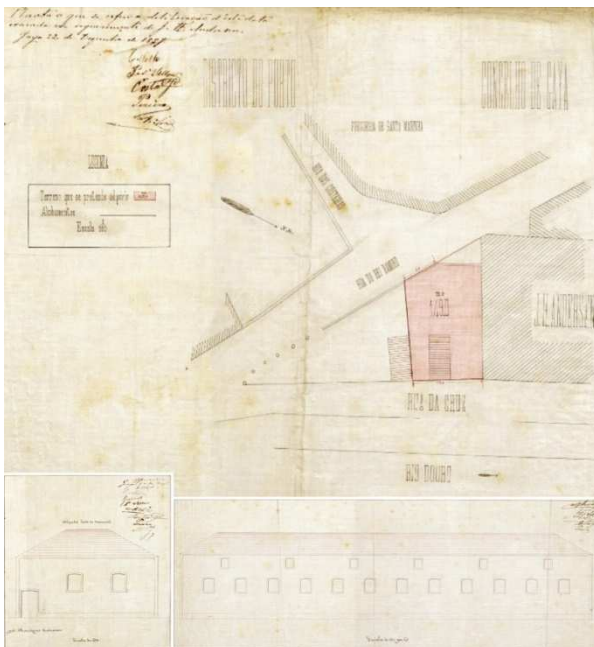


Figura 10 – Planta e alçados da reformulação do Armazém 1, datados do ano de 1887.

Esta reformulação estará relacionada com a instalação da tanoaria a vapor implantada, essencialmente, no Armazém 1 da qual foram registadas várias estruturas com o decorrer dos trabalhos arqueológicos. Assim, na licença consta a planta referente à construção de um anexo com cerca de 149 m² localizado a Sudeste do Armazém 1 onde também foram registadas estruturas relacionadas com a tanoaria, nomeadamente construções em tijolo industrial “burro”, bem como um tanque e várias canalizações.

No mesmo documento consta também os projetos de reformulação das paredes nascente e nordeste do Armazém 1. Observando os desenhos dos alçados percebem-se as alterações de que foram alvo. Portanto, será com estas obras

que o edifício principal passa a possuir dois pisos tendo-lhe sido acrescentado o piso superior. Também é nesta fase que são rasgados os janelões existentes ao nível do primeiro piso que vão permitir a passagem de luz natural e assim iluminar o interior do armazém possibilitando a laboração da tanoaria, ou seja, a realização dos trabalhos relacionados com as diferentes fases de construção das pipas.

A identificação de duas inscrições nas traves do telhado do Armazém 1 constituem também dois bons indicadores que permitem enquadrar cronologicamente estas obras, de reformulação e aumento dos armazéns, no último quartel do século XIX.

Do início do século XX, mais precisamente do ano de 1904, foi identificada uma licença referente à reformulação/abertura de duas janelas no Armazém 2.

Através de uma fotografia do antigo cais de desembarque da Praia localizado em frente aos armazéns da Ferreira, datada da década de 30 do século XX, é ainda visível a chaminé situada no topo sudeste da cobertura do Armazém 1 referente à tanoaria a vapor, o que constitui um indicador do ainda possível funcionamento da fábrica nesta altura.

Mais tarde, datado do ano de 1942, os armazéns ainda são propriedade da empresa J. H. Andresen Sucessores, Lda. como atesta a licença com vista à substituição de telha nacional pela telha de tipo francesa, bem como pintar sobre o telhado a palavra ANDRESEN.

Na segunda metade do século XX os armazéns saem da posse da família Andresen passando a albergar uma unidade fabril designada de “MarDouro”, fundada em 1969, e que se dedicava ao fabrico de utensílios de cozinha em alumínio e aço inoxidável. É também nesta época que ocorre a desagregação de um dos armazéns, Armazém 3, onde será instalado o Instituto de Vinho do Porto. Para o efeito são entaipados os vários vãos que ligavam este edifício aos restantes armazéns, sendo o seu acesso unicamente através da porta rasgada na parede Sudeste que dá para a Rua Rei Ramiro.

9. Considerações finais

Os contextos identificados no decorrer dos trabalhos arqueológicos correspondem a um quadro cronológico compreendido entre a antiguidade tardia, séculos IV a VI d.C. e o século XX e fornecem dados importantes no que respeita à evolução do espaço construído e às sucessivas transformações de que foi alvo.

Assim, a execução deste trabalho constitui um bom exemplo da importância da realização de trabalhos de acompanhamento arqueológico em fase de obra, tanto na observação de todas as movimentações de terras, como no desmonte de estruturas, incluindo as coberturas.

Deste modo, ficou claro que os trabalhos arqueológicos não se esgotam apenas na realização de sondagens de diagnóstico realizadas, normalmente, em fase prévia ao

arranque da empreitada, e que o acompanhamento da evolução dos trabalhos de construção pode revelar-se produtivo.

No caso da empreitada de construção da unidade hoteleira “The REBELLO – Luxury Hotel And Apartments” os trabalhos de acompanhamento arqueológico permitiram a aquisição de novos dados sobre a ocupação deste espaço em fases anteriores aos armazéns de vinho que a fase de diagnóstico não demonstrou. Curiosamente, nos dois armazéns onde foram identificadas as estruturas mais antigas (Armazém 4 e 5) em fase prévia não foram detetadas realidades/contextos arqueológicos relevantes.

Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.F. de (1969) – *A romanização das Terras da Maia. In Estudos sobre a Terra da Maia*, Maia, Câmara Municipal da Maia, 4: 49.
- BARBOSA, J.; PRIETO, R. (2008) – *Rei Ramiro Terraces – Sondagens de Avaliação Prévia – Rua Rei Ramiro / Cais de Gaia. Relatório Preliminar*, Logiark, Lda, Porto.
- BASTOS, A.M. (1940) – *O Porto Medieval*, Porto, CMP.
- CARVALHO, T. P.; FORTUNA, J. (2000) – Muralha romana descoberta no Castelo de Gaia, *Al-madan*, 2ª série (9): 158-162.
- CARVALHO, J.; RAMOS, R. (2020) – A Ânfora Romana Dressel 1 (Rei Ramiro, Castelo de Gaia): Características e Contextualizações, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 14: 57-65.
- CALADO, R. S. (1995) – A Porcelana da China como fonte de inspiração da decoração da Faiança Portuguesa no Séc. XVII, In: Gudes, R. (org.), *Companhia das Índias – Porcelanas*, pps. 35 – 37.
- CERNACHE, D. Henrique L. P. de Paiva Távora. *História de Gaia*, Câmara Municipal de V. N. Gaia, Gabinete de História e Arqueologia, fascículo 19 (II);
- COSME, S. R.; LOPES, I. A. (2000) - *Relatório final da intervenção arqueológica rua Mouzinho da Silveira nº208-214*, GAU, Porto.
- COSTA, J. da; TEIXEIRA, C. (1957) – *Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 9-C (Porto)*, Lisboa.
- CRUZ, M. R. (2009) - *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Tese de Doutoramento em Arqueologia Braga, Universidade do Minho, Braga.
- DÓRDIO, P.; TEIXEIRA, R.; SÁ, A. (2001) - *Faianças do Porto e Gaia. O recente contributo da arqueologia, Itinerário da faiança Porto e Gaia*. Lisboa, Museu Nacional Soares dos Reis, pp. 119-164.
- GUIMARÃES, J. A. G. (1995) – *Gaia e Vila Nova na Idade Média; arqueologia de uma área ribeirinha*, Porto.
- GUIMARÃES, J. A. G. (2000) – Um século de arqueologia em Vila Nova de Gaia, *Al-madan*, 2ª série (9): 155-168.
- HARRIS, E. C (1991) – *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*, [1ª Ed. 1979], Barcelona, Editorial Crítica.
- MATTOSO, J. (1993) – *A terra de Santa Maria na Idade Média, limites geográficos e identidade peculiar, Castelo de Santa Maria da Feira – Comissão de Vigilância*.
- OLIVEIRA, J. M. (2013) – *Faianças Portuguesas da Casa do Infante, Porto (Dos finais do século XVI a meados do século XVII)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- OPAIT, A. (1998) – New pottery from the Circular Harbour of Carthage. *Bulletin. Centre d'études et de documentation archéologique de la conservation de Carthage (CEDAC)*., pp. 21-35
- PAIS, A. N.; PACHECO, A.; COROADO, J. (2007) – *Cerâmica de Coimbra. Do século XVI-XX*. Coimbra, Edições Inapa.
- PEDROSA, Dr. António de Sousa (1985) – *História de Gaia*, Fascículo 1, Câmara Municipal de Vila nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia.
- RAMOS, R.; CARVALHO, J. – O sítio do Rei Ramiro: Contributo para o conhecimento das ocupações antigas no Monte do Castelo (Vila Nova de Gaia), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 14: 67-81.
- RAMOS, R. (2020) – Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia). In ARNAUD, J. M., NEVES, C., MARTINS, A. (eds.) - *Arqueologia em Portugal/2020-Estado da Questão*. Atas do III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 1305-1309.
- SANTOS, J. D. (1970) – Resenha histórica da Cale Vila de Portugal e Castelo de Gaia – *Separata de “comunidades portuguesas”*, nº 21-12.
- SERDOURA, A. F. (2019) – *Cachimbo de caulino. A sua importância nos contextos arqueológicos (séculos XVI-XX)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, FLUP, Porto.
- SILVA, A. C. F. (1984) – Aspectos da proto-história e romanização no Concelho de vila nova de Gaia e problemática do seu povoamento, *Gaya, Vila nova de Gaia*: 39-56.
- SILVA, F. R. (1984) – *O concelho de Gaia na 1ª metade do século XVII: instituições e níveis de alfabetização dos funcionários*, Gabinete de História e arqueologia de Vila Nova de Gaia.
- SOUZA, F. R. da (1994) – Tempos Medievais, *História da Cidade do Porto*, 2ª edição, Porto Editora.
- Cartografia**
- Carta Geológica de Portugal, Folha nº 09-C (Porto), Escala 1: 50 000, Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Serviços Geológicos.
- Carta Militar de Portugal, folha nº 122 Escala 1/25 000, Serviço Cartográfico do Exército.
- Cidade do Porto* [planta redonda] por George Balck / *Copiada da Planta publicada em Londres e dedicada ao Brigadeiro Sir Nicolao Trant, Governador que foi das armas do partido do Porto*. Arquivo Histórico Municipal do Porto, Casa do Infante [digitalização disponível para consulta em https://artsandculture.google.com/asset/round-map-of-porto-by-george-balck/6AHTkNEL_5Eang]
- Planta da cidade do Porto contendo o palácio de Christal, nova alfândega, e diversos melhoramentos posteriores a 1844 / por F. Perry Vidal; Emygdio, gr. - Escala [ca 1:6600], 4000 Palmos=[13,30 cm]. - Lisboa: Off. de Vasques & cª., 1865* [cópia digital disponível em <http://purl.pt/3556>]
- Páginas de internet**
- Portal do Arqueólogo: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>
- <http://www.glynngen.com/mdc/gascoigne.htm>
- <https://whitmanarchive.org/biography/correspondence/tei/loc.05787.html>
- <https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/17689/?q=andresen>
- <https://www.geni.com/people/Jan-Heinrich-Andresen/6000000017144920463>
- <http://pt.wine-is.com/Wineries/4913322/jh-andresen-vila-nova-de-gaia-portugal>
- http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?creator=&order_by=TITLE&q=j+h+andresen

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)

Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

